

5.2 Manuscrito 2

ARTIGO ORIGINAL

Juventudes e mídias sociais: roteiros sexuais de universitários em suas relações amorosas

RESUMO

Objetivo: discutir os roteiros sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais.

Métodos: pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, fundamentada nas Narrativas de Vida, de Daniel Bertaux. O referencial teórico adotado foi a Teoria dos Roteiros Sexuais ou Scripts Sexuais, de Gagnon e Simon. Participaram desse estudo 19 estudantes do curso de Enfermagem, de uma Universidade Estadual Pública da Bahia. Os dados foram coletados utilizando um instrumento sociodemográfico e entrevista em profundidade, aplicados após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa e assinatura do TCLE. A análise de dados ocorreu utilizando Bertaux, por meio da identificação das recorrências temáticas, formação de agrupamentos de temas similares e análise entre eles, formação das subcategorias e, por fim, das categorias.

Resultados: as juventudes têm suas relações amorosas fortemente desenvolvidas através das mídias sociais e apresentam comportamentos sexuais influenciados por roteiros interpessoais e intrapsíquicos. Os comportamentos mais frequentes foram: *sexing, gaslighting, catfishing, porn revenge, ADRA*, realizados no *WhatsApp, Instagram e TikTok*.

Considerações finais: Os achados revelam que os jovens universitários de enfermagem apresentam uma variedade de roteiros sexuais em suas relações amorosas, de formas diferentes, quando consideramos os sexos feminino e masculino, sendo o masculino marcado por comportamentos abusivos, de dominação, objetificação da mulher e coerção sexual, enquanto o feminino apresenta-se como subordinação e invisibilidade.

Descritores: Comportamentos sexuais; Juventudes; Mídias Sociais; Ensino Superior; Enfermagem.

Descriptors: Sexual behaviors; Youth; Social media; Higher education; Nursing.

Descriptoros: Conductas sexuales; Juventud; Redes sociales; Educación superior; Enfermería.

INTRODUÇÃO

A juventude é uma categoria não permanente, transitória e fugaz, natural e biológica, construída socialmente, com alto potencial de variabilidade, influenciada pela cultura e os processos culturais que marcam uma sociedade⁽¹⁾. É, portanto, uma representação e uma condição social, evidenciada pela *condição juvenil*, evidenciada não apenas a partir do momento do ciclo de vida, dimensão histórica e geracional, mas, prioritariamente, pela forma como tal condição é vivenciada, considerando todos os aspectos sociais, como classe, gênero, etnia, dentre outros^(2,3).

Assim, as juventudes são representações construídas pelos contextos social, político, econômico, cultural e tecnológico, no qual os sujeitos estão inseridos⁽⁴⁾ e influem na condição juvenil internamente, ao considerar comportamentos dos sujeitos diante da vida e da sociedade, e externamente, quando relacionada às situações objetivas de organização social⁽¹⁾.

Sob essa ótica, percebe-se que as juventudes têm vivenciado com veemência o consumo das tecnologias e mídias sociais como nunca antes visto. Com a cultura do *estar conectado* popularizada, este comportamento tem influenciado diretamente a maneira como as relações humanas e especialmente as relações amorosas têm sido estabelecidas.

A partir dos anos 2000, a internet e suas inovações tecnológicas digitais ampliaram ainda mais as possibilidades de conexão e hiperconexão, propiciando a ruptura de barreiras geográficas e mesmo presenciais. Conhecida como segunda geração da *World Wide Web*, a *Web 2.0*, surge com a promessa de ampliar as possibilidades de trocas de informações entre as pessoas, incluindo a colaboração em sites e serviços digitais, transformando o ambiente *online* mais dinâmico, afetando mundialmente a maneira como se dão as relações íntimas e interpessoais cotidianas⁽⁵⁾.

As redes sociais digitais surgem dentro deste contexto e passam a funcionar como mediadores estratégicos das relações sociais, inclusive afetivo-sexuais. Tais alterações transformaram o *estar conectado* em *ser conectado*, modificando os comportamentos e tornando impossível separar a vida *online*, da *off-line*⁽⁶⁾.

Portanto, os comportamentos sexuais juvenis têm sofrido modificações e são intensificados mediante a utilização das mídias sociais. Por sua vez, estes comportamentos orientam e fazem parte das condutas e valores estabelecidos nas relações amorosas, em especial, de jovens universitários.

A teoria dos Roteiros Sexuais aponta que os processos que envolvem a sexualidade humana não se trata tão somente de um impulso inato ou uma manifestação puramente fisiológica, mas de um fenômeno aprendido e organizado por meio de *scripts*, ou seja, são influenciados e por vezes determinados pelos conjuntos de normas, expectativas e significados culturalmente compartilhados que orientam como os indivíduos interpretam, experienciam e executam as suas práticas sexuais ou roteiros sociais⁽⁷⁾.

Nesse sentido, a utilização da teoria dos Roteiros Sexuais, propiciará uma compreensão aprofundada dos comportamentos sexuais das juventudes, no que se refere aos aspectos de sua sexualidade, tanto no que diz respeito a identificação desses comportamentos, como no que tange as suas ocorrências, descrevendo-os.

OBJETIVO

Discutir os roteiros sexuais de jovens universitários de enfermagem nas relações amorosas, considerando as mídias sociais.

MÉTODOS

Aspectos éticos

Esta pesquisa é um recorte da dissertação de mestrado “*Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais*” e obedeceu às Resoluções 466/2012⁽⁸⁾ e 510/2016⁽⁹⁾, que orientam a ética em pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UESB conforme CAAE ° 87011025.5.0000.0055 e parecer consubstanciado nº 7.473.802. Todos os participantes assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após compreensão e anuência.

De modo a manter o anonimato, os participantes foram identificados pela letra “E”, seguidos dos números de 1 a 19 e da letra “M” para masculino e “F” para feminino para

identificação do sexo (EF1, EM2, EF3...), de acordo a ordem de realização das entrevistas, conforme estabelecido pelo método⁽¹⁰⁾.

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa, tendo como referencial teórico-metodológico as Narrativas de Vida, de Bertaux, na perspectiva etnossociológica, visto que se baseia nos relatos das experiências dos participantes da pesquisa⁽¹⁰⁾.

Referencial teórico

Esta pesquisa tem como referencial teórico a Teoria dos Roteiros Sexuais, de Gagnon e Simon, a qual fundamenta que a expressão da sexualidade humana se dá a partir dos fenômenos intrínsecos à condição humana em sociedade, considerando os aspectos sociais, culturais, étnicos, religiosos^(7, 11).

Assim, os Roteiros Sexuais são estabelecidos pelos comportamentos e condutas sexuais⁽⁷⁾, propagados de maneira transgeracional e a todo instante influenciados pelos aspectos sociais. Nesse sentido, mesmo que a manifestação do comportamento sexual seja determinada pela biologia humana, a sua prática é pautada em aspectos sociais os quais o sujeito encontra-se inserido e a racionalização feita quanto a este aspecto⁽⁷⁾.

A teoria dos Roteiros Sexuais ou “scripts sexuais”, são desenvolvidos a partir dos cenários culturais, dos roteiros interpessoais e dos roteiros intrapsíquicos, de cada pessoa^(7,11).

Cenário de estudo

O estudo foi realizado em uma universidade pública do interior da Bahia, localizada na região sudoeste, sendo umas referências em ensino superior.

Amostra

A amostra foi definida por saturação teórica, sendo que a mesma foi considerada plenamente alcançada na décima nova entrevista, realizada com jovens universitários do curso

de bacharel em enfermagem, de todos os semestres. Os critérios de inclusão foram estudantes devidamente matriculados em quaisquer períodos do curso de enfermagem e com idades a partir de 18 anos. Os critérios de exclusão foram estudantes matriculados, mas que não estivessem cursando o período, seja por licença médica ou quaisquer outras formas de afastamento.

A variabilidade amostral ocorreu utilizando todos os semestres do curso de enfermagem, para uma melhor compreensão das diferentes realidades e experiências dos acadêmicos, contendo, assim, uma diversidade de narrativas e, principalmente, de experiências⁽¹⁰⁾.

Os estudantes foram convidados por meio de uma visita em sala de aula e selecionados através do contato pela rede social *WhatsApp*, a partir da demonstração de interesse e disponibilidade para as entrevistas.

O Curso de Enfermagem foi escolhido por ser formado predominantemente pelo público feminino e por se tratar de futuros profissionais da área da saúde que, durante a assistência, poderão acolher outras jovens e mulheres em situação de violência.

Coleta de dados

Os dados foram obtidos a partir do formulário sociodemográfico e da entrevista em profundidade, realizada por meio da pergunta indutora: “*Conte-me sobre suas vivências de violências nas relações amorosas por meio das mídias sociais*”, até atingimento do ponto de saturação progressiva, adquirindo, portanto, o valor de generalidade⁽¹⁰⁾.

Foram utilizados filtros acerca da temática, informado sobre o diário de campo para registro de aspectos da comunicação não-verbal e elucidado quanto à liberdade do participante em expor apenas o que lhe convier e que tivesse relevância quanto ao objeto de estudo⁽¹⁰⁾.

A entrevista foi gravada por um aparelho de celular *Android*, após esclarecimento dos participantes e assinatura do TCLE. Ao início da gravação, foi feita a pergunta indutora e, logo após, o participante narrou as lembranças de suas vivências que remeteram a temática.

As entrevistas duraram entre 15 e 100 minutos e foram realizadas na própria instituição de ensino, em um local privado e silencioso, garantindo, assim, a privacidade dos participantes ⁽¹⁰⁾.

Análise dos dados

As análises das entrevistas foram feitas na perspectiva etnossociológica, como proposto por Daniel Bertaux, cujo intuito é compreender o objeto social amplamente, considerando suas relações e processos sociais⁽¹⁰⁾.

Inicialmente foram transcritas cada entrevista, assim que eram finalizadas, conforme preconizado pelo método⁽¹⁰⁾ e separadas em arquivos individuais do Google documentos. Em seguida, foram feitas leituras flutuantes e destacadas as falas que correspondessem ao objetivo do estudo.

Logo após, foram realizadas leituras aprofundadas, considerando a individualidade e subjetividade dos participantes, e em seguida realizado os agrupamentos por temas similares destacados de diferentes cores, caracterizando a codificação. Nesta etapa emergiram 153 unidades temáticas (UTs).

Após, ocorreu a recodificação juntamente com a construção de agrupamentos para identificação das similaridades dos temas entre as UTs. Foram realizadas outras leituras a fim de identificar duplicidade, similaridade ou ausências de unidades temáticas, e utilização da comparação de temas que surgiram nas entrevistas, dando origem a 61 UTs⁽¹⁰⁾.

Por fim, as UTs foram organizadas em agrupamentos, os quais foram analisados e deram origem a seis grandes grupos. Após essa análise, foi possível obter as categorias e as subcategorias das entrevistas⁽¹⁰⁾.

Ainda foi criado um historiograma com uma síntese das principais narrativas de cada participante, de maneira a possibilitar um melhor entendimento sobre as narrativas.

A análise com base no referencial teórico da teoria dos Roteiros Sexuais ou “Scripts Sexuais”, visa promover uma reflexão quanto ao processo de socialização, considerando os cenários culturais, roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos de cada sujeito^(7, 11).

Neste estudo, será retratada a Categoria Analítica: Condutas sexuais nas relações amorosas por mídias sociais de jovens universitários de enfermagem.

RESULTADOS

Foram entrevistados 19 acadêmicos do curso de Bacharel em Enfermagem, do primeiro ao nono semestre, sendo 11 do sexo feminino e oito masculino, com predominâncias da raça/cor parda, de orientação sexual heterossexual, religião majoritária católica. Dentre

eles, 12 estavam em um relacionamento amoroso, seja namoro, noivado, união estável ou casado.

Os participantes apontaram as redes sociais como espaço escolhido para o estabelecimento das relações interpessoais, em que eram compartilhadas informações sobre o cotidiano, as sensações, assim como para a investigação das trocas que existiam entre o (a) parceiro (a) e seu grupo de socialização.

A gente tinha muito essa troca de sensações, falar como passou o dia, o que aconteceu no dia, o que chateou ele no dia. Essa troca muito de comportamentos virtuais sexuais não acontecia, porque a gente é meio receoso com essa questão de mandar fotos, mandar vídeos [...]. [EM5]

Começamos a usar o Instagram como um meio para manter o contato. O *Instagram*, o *WhatsApp*, a gente usava muito o *Twitter* também, o *TikTok* para compartilhar vídeos, a rotina [...]. [EF7]

Eu o via muito exagerado nas emoções dele com as amigas dele e eu lembro que eu ficava muito preocupada com isso [...] eu comecei a mexer no celular dele, no *Instagram*, nas redes sociais, porque eu ficava realmente preocupada com isso... eu pedia para poder ver o Instagram dele. E eu sempre encontrava alguma coisa que me incomodava [...]. [EF8]

As narrativas descrevem as mídias sociais como espaço oportuno tanto para se conhecerem quanto para a prática de comportamentos sexuais virtuais, atestados através dos encaminhamentos de fotos e vídeos íntimos, planejamento das futuras relações sexuais, de falas e comentários picantes, de cunho relacional e/ou intrinsecamente sexual.

Esse rapaz me deu um *ghosting* [...] a gente conversava, já tinha se encontrado duas vezes aí eu mandava mensagem pra ele e ele me avisou que tinha chegado em Salvador, parou o contato comigo e duas semanas depois ele assume relacionamento com a menina pelo Instagram. [EF17].

[...] a gente conversava, tinha conversas picantes e tal, mas não chegou a ser um relacionamento propriamente dito [...] a gente tinha conversas mais sexuais, mas nada de muita foto, muita exposição, porque eu sempre tive muito medo, então eu preferia não fazer [...]. [EF19]

[...] a gente já teve trocas de fotos íntimas [...] de mensagens íntimas [...]. [EF2]

[...] começou a aumentar esse tipo de conversa sobre interações sexuais... tanto troca de fotos, vídeos e chamadas com conteúdo sexual [...] não havia pressão [...] as conversas, trocas de mensagens de conteúdo sexual, fotos, troca de vídeo, aconteciam por *WhatsApp*. [EM9]

[...] a gente usava muito chamada de vídeo no *WhatsApp*; o *Telegram* quando tinha que mandar vídeos e neles ele não mostrava o rosto na câmera, só mostrava o ato acontecendo. [EF11]

A gente planejava as relações que queria ter, o desejo de satisfazer um ao outro. [...] quando ele começou a me dizer que não queria nada comigo, no *Instagram*, ele foi se afastando [...] eu peguei o *Instagram* dele só pra ter certeza de uma coisa que eu já tava imaginando, que ele já estava com outra pessoa. [EF3]

[...] Nós tínhamos conversas por outras redes, mas era mais por *WhatsApp*. [...] Às vezes a gente tinha conversa normal, como casal, mais íntima ou picante. Mas, assim, fotos, vídeos, essas coisas eu nunca enviei via rede social no *WhatsApp* [...]. [EF4]

Algumas das vivências ressaltam as mídias sociais como ferramenta e motivo para demonstração de ciúmes, medo, *gaslighting* (manipulação), *catfishing* (perfil falso manipulativo) e de coação para a gravação de vídeos íntimos.

[...] ele usava muito o *Instagram* para curtir fotos de meninas, e aí eu ficava chateada, mas eu não podia reclamar, porque se eu reclamasse, a errada era eu [...] ele fazia todo mundo achar e até eu mesmo acreditar que eu estava traindo ou que eu estava fazendo algo errado. [EF7]

Como eu tinha medo dele voltar a ficar distante e frio, eu acabava enviando algumas fotos na esperança de fazer com que ele não voltasse a ficar frio e distante comigo [...] eu tinha medo dele mandar para alguém, principalmente porque a gente se conhecia há pouco tempo, mas eu enviava porque eu tinha medo mesmo, eu acreditava que essa era uma forma de fazer com que ele gostasse mais de mim ou de evitar de ele ficasse frio e distante comigo. [EF8]

Ele mandava fotos íntimas, todo tipo de intimidade que a gente tinha, mas eu descobri que não era ele nas fotos íntimas, era outra pessoa, mas eu já estava envolvida o suficiente [...]. [EF11]

Eu me sentia pressionada... às vezes ele me ligava dando escândalo porque eu não queria fazer e às vezes eu até mesmo fazia o vídeo, por exemplo, relutante. [EF17]

Também foi narrada a vivência da troca de sexo por favores, conforme a seguinte fala:

[...] era quase uma prostituição virtual [...] que eu entregava pra ele parte de mim, tipo uma orgia e ele me dava coisas de presente ou dinheiro ou coisa de comer; eu tinha um cartão vinculado na conta dele, que ele pagava a fatura. Como minha família é muito pobre, eu só tinha conseguido as coisas quando isso acontecia; e pra mim era bom, porque ele me dizia que era amor e na época eu acreditava, não fazia sentido pra mim dizer que aquilo era prostituição [...]. [EF11]

Contudo, alguns participantes ressaltaram não apresentarem e, muito menos, compartilharem comentários e produtos íntimos sexuais em suas redes sociais, em razão do

medo, estranheza, falta de confiança, receio de compartilhamento por parte de outrem, insegurança, dentre outras razões.

[...] não tivemos nenhum comportamento virtual sexual, nenhuma conversa picante, porque ela queria pessoalmente, eu queria pessoalmente também. Ela falava alguma coisa no *Whatsapp* ou no *Instagram* e eu tentava mudar de assunto com medo [...]. [EM10]

[...] os comportamentos virtuais sexuais ela considerava isso um pouco estranho [...] ela não achava legal, então não tínhamos. [EM14]

E os que fizeram gravações de vídeos íntimos sem consentimento, ficaram traumatizados, em razão de determinados comportamentos sexuais ocorridos em suas vivências.

Fulano tinha vídeos íntimos nossos e quando eu descobri foi só depois, quando não tinha mais graça [...] eu não sabia que ele tinha gravado [...]. [EF11]

Ele me fez ter um bloqueio de relação sexual. Então, eu não queria me envolver com ninguém pessoalmente, só por *WhatsApp* e por *Instagram*, pessoas que eu só conseguisse ter, no máximo, conversas sobre sexo, trocar fotos íntimas, mas que não chegasse ao ato. [EF15]

DISCUSSÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS), reconhece a saúde e o prazer sexual como direitos humanos fundamentais e define a saúde sexual como "um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não meramente a ausência de doença, disfunção ou enfermidade". Esse reconhecimento baseia-se em princípios internacionais de direitos humanos que garantem a liberdade, a dignidade e a igualdade para todas as pessoas (12:s.p.).

Doravante, diante da disponibilidade facilitada e precoce aos produtos digitais, os jovens estão cada vez mais conectados às plataformas de mídia social⁽¹³⁾ e criam sua identidade, permitindo-lhes a exploração dos espaços *online*, incluindo aqueles relacionados à sexualidade⁽¹⁴⁾.

Assim, os comportamentos sexuais estabelecidos nos espaços digitais permanecem permeados e intrinsecamente influenciados pelos roteiros interpessoais e intrapsíquicos, gerados, por sua vez, pela interação social, ao conectar o comportamento cultural abstrato ao comportamento real, e dos diálogos internos estabelecidos a partir dessas experiências^(11, 15-17).

Em relação aos roteiros interpessoais, os discursos dos participantes EM5, EF7 e EF8 apontam as mídias sociais como o mais novo espaço de socialização, de impacto profundo e multifacetado, para o estabelecimento de vínculos amorosos-juvenis, na partilha em relacionamentos amorosos, atuando tanto como facilitadoras da comunicação quanto como fontes de conflito, insegurança e comparações irreais.

Além do mais, a intrusão eletrônica é uma forma de abuso cibernético em relacionamentos amorosos que inclui o monitoramento da localização do parceiro, com quem ele(a) está conversando e outras informações privadas por meio de tecnologia e redes sociais⁽¹⁸⁾.

As narrativas EF17 e EF19 reforçam comportamentos descontinuados presentes nas relações. Na EF17 fica evidente o *ghosting*, com o fim abrupto, inesperado e não comunicado da relação estabelecida; e o EF19 que menciona práticas sexuais estabelecidas sem que haja um vínculo relacional socialmente estabelecido. Além do mais, é possível perceber nos discursos os roteiros interpessoais, ao (re)produzir comportamentos socialmente aceitos, e uma consciência implícita sobre suas práticas e situações, o que apresenta brevemente a dimensão dos roteiros intrapsíquicos.

Ademais, as narrativas de EF2, EM9, EF11, EF3, e EF4 trazem à tona comportamentos sexuais exercidos pelos jovens universitários sem observação da gravidade, da possibilidade da quebra da privacidade, tornando-os vulneráveis em suas condutas. Sendo assim, percebe-se nas narrativas dos jovens, que a forma de se relacionar tem sofrido modificações, com o estabelecimento de condutas sexuais expostas.

Tendo em vista que as relações amorosas contemporâneas são impactadas pela tecnologia, de maneira emergente, surge a artificialidade das relações amorosas. Tal artificialidade se caracteriza pelo estabelecimento dos interesses individuais sobre os vínculos afetivos⁽¹⁹⁾. Assim, o estabelecimento dos vínculos amorosos-juvenis é conexão interpessoal para a satisfação das necessidades individuais imediatas.

Por sua vez, as relações contemporâneas tendem, a assumir um caráter instrumental, aproximando-se mais de transações do que de vínculos substantivos, assim, os laços afetivos tornam-se cada vez mais frágeis e descartáveis, refletindo a lógica do consumo que permeia outras esferas da vida social. Esta transformação não significa necessariamente um empobrecimento relacional, mas antes uma reconfiguração complexa das expectativas e dinâmicas afetivas^(19, 20).

Nos relatos de EF7 e EF8, fica claro que os comportamentos relacionais foram baseados na conformidade e no medo. No primeiro caso, por entender que sairia como errada,

mesmo estando certa, e de ainda tornar verdadeira uma informação ou conduta falsa; e a segunda, pelo receio do distanciamento e frieza do parceiro.

As falas de EF11 e EF17, também apresentam a conformidade relacional. Contudo, traz à tona perigo no envolvimento estabelecido completamente através das mídias sociais, dando a entender um processo de dependência emocional.

Não obstante, as narrativas mencionadas acima trazem um processo de aceitação da situação vivenciada sem questionamento, como se acreditassem que mereciam a forma com que eram tratadas, e reforçam a existência de uma nova estrutura social estabelecida por meio das mídias sociais em detrimento da geração de vínculo nas relações afetivas e amorosas na atualidade.

Durante as falas apresentadas foi possível identificar a agressão direta, em que são realizadas ameaças, insultos, disseminação de informações privadas, incluindo fotos e vídeos pessoais, roubo de identidade por meio da criação de perfis falsos em rede social, rastreamento da última conexão, uso de senha pessoal do (ex)parceiro sem o consentimento para verificar e-mail, contatos telefônicos, mensagens de texto e de rede social ou até mesmo para monitorar a localização via GPS, com a intenção de o humilhar e embaraçar⁽⁵⁾.

Nesse sentido, a tecnoafetividade torna-se excessivamente necessária para a criação das relações amorosas, com as mídias sociais criando formas de intimidade mediada, onde gestos como curtidas, mensagens instantâneas e compartilhamentos assumem significados afetivos específicos. Esta mediação tecnológica das emoções explica em parte como os relacionamentos contemporâneos podem ser simultaneamente mais conectados e mais frágeis⁽²¹⁾.

Estudos apontam o abuso digital nos relacionamentos associados as formas de violência física, sexual e psicológica em relacionamentos amorosos, sugerindo que as mídias digitais são um contexto para comportamentos potencialmente prejudiciais em relacionamentos amorosos, e a experiência dos abusos pode diferir entre os gêneros em relação aos comportamentos sexuais desenvolvidos⁽²²⁾.

Dentre os relatos, o EF11 foi um dos mais chocantes, visto que descreve, com detalhes, como a condição social pôde influenciar a tomada de decisão para a sobrevivência. A fala não apenas evidencia um roteiro interpessoal, mas, ao final, torna claro, um rompimento da ideia de não gravidade da situação, a partir do diálogo com o eu e a expectativa concebida sobre o comportamento sexual, como estabelecido pelo roteiro intrapsíquico.

Diante das narrativas, é possível depreender que os roteiros interpessoais são expressos pela naturalização da utilização das mídias sociais como espaço para a execução de todos os comportamentos afetivo-sexuais. Essas condutas são rompidas pelos roteiros interpessoais padronizados, que são criados e funcionam a partir da interação social, em que estabelece que o sujeito direciona sua conduta com o objetivo de suprir as expectativas de outra pessoa ^(11, 15).

Os relatos de EM10 e EM14 deixam claro o não rompimento com os roteiros interpessoais, a partir do momento em que a prática de atividades sexuais não são elaboradas e muito menos executadas nos espaços virtuais, fugindo a regra atual. Mas há, enfaticamente, a presença dos roteiros intrapsíquicos, mediada pelo amor e por não achar interessante.

E outros relatos que apresentam o rompimento de ambos os roteiros através de memórias traumatizantes criadas por suas vivências sexuais, como é o caso de EF11 e EF15.

Assim sendo, a conduta sexual e o desejo podem se apresentar instável e com mudança de preferências quanto a considerar as mídias sociais como espaço apropriado para a manutenção das relações sexuais de um indivíduo ao longo da vida. Essa instabilidade pode estar ligada ao período da juventude, por ser um ciclo em que se inicia a execução dos roteiros sexuais apropriados, conforme o desejo sexual de cada sujeito⁽¹¹⁾.

Portanto, as narrativas apresentam influência tanto dos roteiros interpessoais quanto dos intrapsíquicos, e revela a influência dos aspectos socioculturais perpetuados inclusive diante das mídias sociais. Tais comportamentos exprimem condutas violentas, sendo as mídias sociais o espaço escolhido e propenso para o agravamento das formas de violência.

Limitações do estudo

Este estudo foi conduzido com estudantes apenas do curso de enfermagem, de uma universidade pública do interior da Bahia. Pesquisas futuras podem expandir a amostra para incluir estudantes de diferentes cursos, universidades e municípios, promovendo compreensão mais abrangente.

Contribuições para a área da enfermagem, saúde ou política pública

O modelo teórico resultante oferece contribuições significativas para as ciências da saúde e a formação universitária em diferentes áreas do conhecimento científico, ao conscientizar sobre a necessidade de estratégias de intervenção que fomentem práticas mais

compassivas e preventivas relacionadas aos comportamentos sexuais de jovens universitários nas relações amorosas e as mídias sociais, por meio do resgate de ações de educação em saúde.

Ainda, a enfermagem se beneficia diretamente do modelo teórico desenvolvido, por fornecer aos futuros enfermeiros uma dimensão mais aprofundada sobre as violências e os comportamentos sexuais que os jovens estão expostos, contribuindo, assim, para um autoconhecimento e, por sua vez, para uma prática profissional mais consciente e acolhedora.

Ademais, a violência é um problema de saúde pública grave, inter e intrageracional, onde as que as pessoas que a vivenciam têm suas vidas totalmente impactadas. Considerando em se tratar de jovens universitários, estes são passíveis de reproduzirem comportamentos violentos em algum momento de sua experiência pessoal, o que torna imprescindível pesquisas como essa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados revelam que os estudantes apresentam uma variedade de roteiros sexuais, que se diferenciam entre os sexos feminino e masculino, a exemplo do feminino apresenta-se como subordinação e invisibilidade, enquanto o masculino por comportamentos abusivos, de dominação, objetificação da mulher e coerção sexual. Tais roteiros sexuais são influenciados pelos aspectos sociais e culturais gerados a partir das relações.

As narrativas apontaram relações amorosas patriarcais, com dominação do sexo masculino, sobretudo quando as jovens universitárias são mais expostas ao abuso digital, violência de gênero, violência psicológica, sexual e moral, o que torna imprescindível a promoção de ações de educação em saúde, pautada na cultura de paz das relações amorosas, para todos os jovens.

Ainda, ao considerarmos o papel da universidade, recomenda-se que o curso de Enfermagem, assim como todos os outros cursos da universidade, dê atenção ao fenômeno da violência, sobretudo, nas relações amorosas de todos os jovens, visando o esclarecimento, sensibilização, prevenção e enfrentamento dessas situações, visto que são responsáveis pelo cuidado a outras pessoas.

FOMENTO

Não.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAL

Esta pesquisa é derivada da dissertação de mestrado “Vivências de Violências nas relações amorosas de jovens universitários de enfermagem por mídias sociais”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB.

REFERÊNCIAS

1. Portela EL. Juventude Juventudes: dos contornos sobre o conceito às implicações de um programa socioeducativo. *Rev Educ Emancip.* 2021;14(3):474.
2. Peralva AT. O jovem como modelo cultural. *Rev Bras Educ.* 1997;(5-6):15-24.
3. Dayrell J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ Soc.* 2007;28(100):1105-28. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>
4. Duarte MRT. Perfis de jovens e concepções de juventudes. In: Duarte MRT, organizador. *Palavras de jovens sobre o Projovem: estudos com egressos e a formação de pesquisadores em avaliação de programas educacionais.* Belo Horizonte: Escritório de Histórias; 2009. p. 33-56.
5. Flach RMD. *Violência digital nas relações afetivo-sexuais adolescentes [tese].* Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz; 2019.
6. Santaella L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. N°2. In: Primo A, organizador. *Interações em rede.* Porto Alegre: Sulina; 2016.
7. Gagnon JH, Simon W. *Sexual conduct: the social sources of human sexuality.* New Jersey: Aldine Transaction; 1973.
8. Brasil. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.

9. Brasil. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde; 2016.
10. Bertaux D. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Cavalcante ZAC, Lavallée DMG, tradutores. São Paulo: Paulus; 2010.
11. Gagnon JH. Uma interpretação do desejo. Rio de Janeiro: Garamond; 2006.
12. World Health Organization. Developing sexual health programmes: a framework for action. Geneva: World Health Organization; 2010. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/70501>
13. Hollis C, Livingstone S, Sonuga-Barke E. Editorial: The role of digital technology in children and young people's mental health - a triple-edged sword? *J Child Psychol Psychiatry*. 2020 Aug;61(8):837-841. doi: 10.1111/jcpp.13302.
14. Houtrow A, Elias ER, Davis BE; Council on Children with Disabilities. Promoting healthy sexuality for children and adolescents with disabilities. *Pediatrics*. 2021 Jul;148(1):e2021052043. doi: 10.1542/peds.2021-052043.
15. Simon W, Gagnon JH. Sexual scripts: permanence and change. *Arch Sex Behav*. 1986;15(2):97-120.
16. Gagnon JH. The interaction of gender roles and sexual conduct. In: Katchadourian H, organizador. *Human sexuality: a comparative and developmental approach*. Berkeley: University of California Press; 1979.
17. Bozon M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.
18. Doucette H, Collibee C, Hood E, Gittins Stone DI, DeJesus B, Rizzo CJ. Perpetration of electronic intrusiveness among adolescent females: associations with in-person dating violence. *J Interpers Violence*. 2021 Jun;36(11-12):NP6581-NP6601. doi: 10.1177/0886260518815725.
19. Silva FMO, Miranda BB, Faria T. Relações amorosas na contemporaneidade: globalização, cibercultura e espetacularização do eu. *Psicol Saúde Debate*. 2025;11(2):559-571. doi: 10.22289/2446-922X.V11A2A33.

20. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Medeiros CA, tradutor. Rio de Janeiro: Zahar; 2004.
21. Primo A. Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina; 2007.
22. Reed LA, Tolman RM, Ward LM. Bisbilhotice e sexting: a mídia digital como contexto para agressão e abuso em relacionamento amorosos entre estudantes universitários. *Violence Against Women*. 2016 Nov;22(13):1556-1576. doi: 10.1177/1077801216630143.